



OS TESTEMUNHOS MATERIAIS DE OCUPAÇÕES HISTÓRICAS NO VALE DO RIO COLÔNIA: CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE A PESQUISA NO SUL BAIANO.

Valdeci dos Santos Júnior¹

Morgana Cavalcante Ribeiro²

Sebastião Lacerda de Lima Filho³

Regiana Coelho de Souza⁴

1 Pós-doutor em Arqueologia pela Universidade de Coimbra, Portugal. Mestre e Doutor em Arqueologia pela Universidade Federal de Pernambuco/UFPE, Brasil. Professor Adjunto IV da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Coordenador do Laboratório de Arqueologia “O Homem Potiguar” (LAHP), Brasil. E-mail: valdecisantosjr@hotmail.com

2 Mestranda em Arqueologia pelo Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco – PPArque/UNIVASF. Bacharel em Arqueologia e Preservação Patrimonial – UNIVASF. Especialista em Africanidades e Cultura Afro-Brasileira pela Universidade do Norte do Paraná, Brasil. Email: ribeiromorgana24@yahoo.com.br

3 Pós-doutor em Antropología/Historia y Estudios Regionales pelo Instituto de Investigaciones Histórico-Sociales - Universidad Veracruzana/UV, México. Doutor em Arqueologia pelo PROARQ/UFS. Investigador Colaborador del Museo La Casa de las Mariposas/México & Pesquisador do LAP/UNEB; LABAP/UEPB; LEARQ/UFPE & LEA/UFPE, Brasil. Email: arqueologiasobradinho@gmail.com

4 Bacharela em Arqueologia e Preservação Patrimonial – UNIVASF. Pós-graduação em História e Antropologia – Universidade Cândido Mendes, Brasil. E-mail: regiana11@hotmail.com

RESUMO

O Vale do Rio Colônia apresentou testemunhos materiais históricos de ocupações na zona rural desde o final do século XIX. A cultura material evidenciada revela a existência de uma consolidada rede de comércio que possibilitava a aquisição de bens produzidos externamente. Os resultados iniciais da pesquisa, permitem propor a existência de relações comerciais entre o sudeste do país e o exterior (França) com o centro sul baiano para a comercialização de artefatos vítreos e de louça de produção industrial.

Palavras-chave: Cultura material. Ocupações. Patrimônio. Rio Colônia.

ABSTRACT

The Colonia River Valley presented historical material evidence of occupations in the countryside since the late nineteenth century. The evidenced material culture reveals the existence of a consolidated commercial network that allowed the acquisition of goods produced externally. The initial results of the research allow us to propose the existence of commercial relations between the south-east of the country and abroad (France) with south central Bahia with the commercialization of vitreous artifacts and industrial crockery.

Key words: Material culture. Occupations. Heritage. Rio Colônia.

1. INTRODUÇÃO

A Arqueologia Histórica se constitui enquanto um campo bastante incipiente da pesquisa arqueológica não apenas no Brasil, mas também em outros países latino-americanos que nas últimas décadas vêm buscando consolidar a produção teórica oriunda de pesquisas empreendidas sob essa temática.

Para alguns autores a arqueologia histórica é o estudo da cultura material associada a períodos históricos. Outros a definiram como uma metodologia que combina um enfoque interdisciplinar, caracterizado pelo uso de evidência arqueológica e documental. Alguns arqueólogos definiram-na como um tipo de arqueologia que estuda sítios associados a povos ou lugares considerados de valor histórico.

Em geral, no Brasil o estudo de sítios históricos envolve a coleta e pesquisa de cultura material pertencente às tipologias de vidro, louça, metal e olaria. Esses remanescentes quando identificados e analisados oferecem várias informações relativas à produção, utilização e comercialização. Alguns artefatos históricos oferecem cronologias relativas, muitas vezes precisas, sobre o período de fabricação e, portanto, de utilização dessas peças. Dessa forma, a pesquisa arqueológica consegue ir além do processo descritivo e classificativo dos fragmentos e estabelecer observações e interpretações acerca do cotidiano e das relações sociais dos grupos do passado.

Este artigo apresenta as considerações iniciais da pesquisa arqueológica desenvolvida no Vale do Rio Colônia, situado no sul da Bahia, especificamente nos municípios de Itapé e Itaju do Colônia.

Com o presente trabalho, objetiva-se divulgar para a comunidade científica e demais interessados, os resultados da pesquisa realizada nos sítios históricos no Vale do Rio Colônia. Para tanto, utilizou-se da coleta de dados primários feita em campo, e de fontes secundárias que permitiram a contextualização e forneceram subsídios à análise dos dados obtidos.

Justifica-se a realização desse trabalho, não apenas pela excepcionalidade da cultura material identificada, mas também pelo ineditismo das pesquisas arqueológicas na região de estudo que necessita de uma maior divulgação científica sobre as evidências e estudos empreendidos.

Para a efetivação desse trabalho, foram utilizados mecanismos metodológicos cientificamente embasados e diretamente associados às hipóteses e objetivos da pesquisa inicialmente delineada.

2. SÍTIOS HISTÓRICOS DO VALE DO RIO COLÔNIA

O Vale do Rio Colônia está situado na mesorregião do Sul Baiano e integra a Bacia Hidrográfica do Rio Cachoeira cuja nascente localizada na serra de Ouricana, no município de Itororó, recebe o nome de Rio Colônia que, ao encontrar o Rio Salgado, juntos formam o Rio Cachoeira.

A área de pesquisa abrange os limites político-territoriais por onde o Rio Colônia passa nos municípios de Itapé e Itaju do Colônia. É importante salientar que a pesquisa de campo contemplou 14 sítios arqueológicos (FLORAM/EMBASA, 2017), contudo nesse trabalho serão apresentados os resultados do trabalho executado em apenas cinco sítios de cronologia histórica designados de Colônia III, Colônia IV, Colônia VI, Colônia VII e Colônia VIII. A seguir é apresentada uma breve caracterização desses sítios arqueológicos estudados.

2.1 Sítio Colônia III

O sítio arqueológico Colônia III (Figura 1) está localizado no município baiano de Itapé e apresenta em seu contexto evidências de uma ocupação de cronologia histórica, com a presença de duas estruturas, remanescentes de edificações. Uma dessas estruturas sugere a partir de seu material construtivo uma ocupação mais recente, ao passo que a segunda

estrutura foi encoberta parcialmente por depósitos de sedimentos, gerando uma pequena elevação.

FIGURA 1 – VISTA GERAL DO SÍTIO COLÔNIA III.



FONTE: ARQUIVO PESSOAL DOS AUTORES

Além dos alicerces dessas estruturas foram observados antes das intervenções do salvamento, uma pequena quantidade de fragmentos de louça e vidro em superfície.

O sítio (24L 447.473,428/ 8.348.681,932) foi delimitado de acordo com a dispersão da cultura material em superfície eo polígono demarcado apresentou uma área de 592,17 m² para o sítio Colônia III.

2.2 Colônia IV

O sítio arqueológico Colônia IV (Figura 2) está localizado no município baiano de Itapé e apresenta em seu contexto evidências de uma ocupação de cronologia histórica, com a presença remanescente de edificação. A estrutura foi encoberta parcialmente por depósitos de sedimentos, gerando uma pequena elevação na paisagem do sítio.

FIGURA 2 – VISTA PARCIAL DO CONTEXTO GEOAMBIENTAL DO SÍTIO COLÔNIA IV



FONTE: ARQUIVO PESSOAL DOS AUTORES

O sítio (24L 447.068,910/ 8.348.421,927) foi delimitado de acordo com a dispersão da cultura material em superfície e o polígono demarcado apresentou uma área de 577,27 m² para o sítio Colônia IV.

2.3 Colônia VI

O sítio arqueológico Colônia VI (Figura 3) está localizado no município baiano de Itapé e apresenta em seu contexto evidências de uma ocupação de cronologia histórica, com a presença de uma estrutura, remanescente de edificação. Essa estrutura sugere a partir de seu material construtivo e cultura material presente, uma ocupação recente a partir da segunda metade do século XX.

FIGURA 3 – VISTA GERAL DO SÍTIO COLÔNIA VI



FONTE: ARQUIVO PESSOAL DOS AUTORES.

O sítio (24L 444.939,820/ 8.348.196,462) foi delimitado de acordo com a dispersão da cultura material em superfície e o polígono demarcado apresentou uma área de 118,30 m² para o sítio Colônia VI.

2.4 Colônia VII

O sítio arqueológico Colônia VII (Figura 4) está localizado no município baiano de Itapé e apresenta em seu contexto evidências de uma ocupação de cronologia histórica, com a presença de remanescentes de um antigo povoado.

O “Povoado de Bonfim” ou “Arraial do Bonfim”, como é conhecido o local, está situado à direita da BA-120, sentido Itaju do Colônia, em uma área atualmente coberta por pasto. Os remanescentes do povoado foram encobertos parcialmente por depósitos de sedimentos, o que à primeira vista não torna visível a existência de estruturas de alicerces espalhadas por uma grande área, logo, devido à presença da pastagem e dos depósitos de sedimentos, foi observada pequenas quantidades de fragmentos de cultura material espalhados em superfície antes das intervenções do salvamento.

FIGURA 4 – VISTA PARCIAL DO CONTEXTO GEOAMBIENTAL DO SÍTIO COLÔNIA VII



FONTE: ARQUIVO PESSOAL DOS AUTORES.

O sítio (24L 441.570,663/ 8.346.231,635) foi delimitado de acordo com a dispersão da cultura material em superfície e o polígono demarcado apresentou uma área de 45.686,10 m² para o sítio Colônia VII.

2.5 Colônia VIII

O sítio arqueológico Colônia VIII (Figura 5) está localizado no município baiano de Itapé e apresenta em seu contexto evidências de uma ocupação de cronologia histórica, com a presença de remanescentes de edificação. Essa estrutura foi encoberta parcialmente por depósitos de sedimentos, gerando uma pequena elevação na paisagem. Além do alicerce dessa estrutura, não foram observados fragmentos de cultura material em superfície antes das intervenções do salvamento, apenas material construtivo.

FIGURA 5– VISTA GERAL DO SÍTIO COLÔNIA VIII



FONTE: ARQUIVO PESSOAL DOS AUTORES.

O sítio (24L 439.899,320/ 8.343.182,951) foi delimitado de acordo com a dispersão da cultura material em superfície e o polígono demarcado apresentou uma área de 1.450,51 m² para o sítio Colônia VIII.

3. PESQUISA REALIZADA

3.1. Investigação de campo: estruturas evidenciadas

As estruturas construtivas de alicerces identificadas em alguns dos sítios históricos foram todas evidenciadas. Essas estruturas comumente estavam encobertas por vegetação rasteira e por sedimentos acumulados ao longo do tempo, portanto, buscou-se evidenciá-las de forma metódica e com acuidade, mantendo os vestígios em seus respectivos locais de deposição.

Evidenciar essas estruturas facilitou a visualização dessas edificações, bem como facultou o entendimento de suas construções, projeções e deposição dos vestígios com o passar do tempo e da ação do intemperismo. Destaca-se que a evidenciação das estruturas foi feita de forma bastante sistemática atentando para o fato de evitar a destruição dos remanescentes.

Dessa forma, ao final dos trabalhos foram evidenciados: no sítio Colônia III um alicerce

com piso de 3,4 m por 2,5 m, com vários tijolos caídos nas proximidades (Figura 6); no sítio Colônia IV um alicerce com piso com as medidas 9,15 m por 5,20 m (Figura 7); no sítio Colônia VI um alicerce com piso com as medidas de 2,42m X 1,62m e um pequeno remanescente de estrutura (um forno) medindo 1,63m X 0,69m (Figura 8); no sítio Colônia VII foi evidenciado na Área 2 um piso de uma residência (3,9m X 3m) com uma estrutura anexa, ou seja, um banheiro externo com sanitário feito de cimento cujas medidas são 1,5m X 1,3m (Figura 9 e Figura 10); na Área 3 do sítio Colônia VII foi evidenciada uma estrutura construtiva de alicerces cujas medidas são 16,4m X 6,8 m (Figura 11); na Área 4 do sítio Colônia VII foi evidenciada uma estrutura construtiva (piso e alicerce) cujas medidas são 10,29m X 5 m (Figura 12); no sítio Colônia VIII uma estrutura construtiva (alicerce) com piso de 6,70 m por 4,40 m (Figura 13), com vários tijolos caídos nas proximidades (FLORAM/EMBASA, 2017).

FIGURA 6 – PISO EVIDENCIADO E VISTA DA ESTRUTURA CONSTRUTIVA COM SONDAJEM ADJACENTE ESCAVADA NO SÍTIO COLÔNIA III



FONTE: ARQUIVO PESSOAL DOS AUTORES

FIGURA 7 – PISO EVIDENCIADO COM VISTA DA ESTRUTURA NO SÍTIO COLÔNIA IV



FONTE: ARQUIVO PESSOAL DOS AUTORES

FIGURA 8 – ALICERCE EVIDENCIADO NO SÍTIO COLÔNIA VI E PEQUENO REMANESCENTE DE UM FORNO



FONTE: ARQUIVO PESSOAL DOS AUTORES

FIGURA 9 – ESTRUTURA DE RESIDÊNCIA EVIDENCIADA (3,9M X 3M) NA ÁREA 2 DO SÍTIO COLÔNIA VII



FONTE: ARQUIVO PESSOAL DOS AUTORES.

FIGURA 10 – ESTRUTURA ANEXA:



FONTE: ARQUIVO PESSOAL DOS AUTORES. BANHEIRO EXTERNO (1,5M X 1,3M) NA ÁREA 2 DO SÍTIO COLÔNIA VII

FIGURA 11 – ESTRUTURA EVIDENCIADA (16,4M X 6,8M) NA ÁREA 3 DO SÍTIO COLÔNIA VII



FONTE: ARQUIVO PESSOAL DOS AUTORES

FIGURA 12 – ESTRUTURA EVIDENCIADA (10,29M X 5M) NA ÁREA 4 DO SÍTIO COLÔNIA VII



FONTE: ARQUIVO PESSOAL DOS AUTORES

FIGURA 13 – ESTRUTURA EVIDENCIADA NO SÍTIO COLÔNIA VIII



FONTE: ARQUIVO PESSOAL DOS AUTORES

3.2 - Parâmetros de análise laboratorial

Com a finalização dos trabalhos de campo, todo o material arqueológico coletado passou por procedimentos laboratoriais de análise e curadoria, isto é, os artefatos e vestígios foram submetidos ao processo de triagem, limpeza, tombamento, análise e classificação para posterior acondicionamento (FLORAM/EMBASA, 2017), contudo, nesse item dar-se-á ênfase aos parâmetros de análise laboratorial utilizados com o material histórico.

O principal objetivo da arqueologia é descobrir como viviam os grupos do passado através do estudo dos restos materiais, produto das atividades humanas, que chegaram até nós e que podem ser obtidos através de intervenções arqueológicas e analisados em laboratório. O estudo da cultura material deve acometer de maneira que tentemos obter informação sobre como, porque, e quando o registro é imerso, no caso da pré-história, em um marco sem referência alguma escrita (EIROA *et al*, 1999).

As amostras coletadas em campo e analisadas em laboratório devem ser classificadas dentro das subclassificações existentes para cada categoria de material. Dessa forma, estabeleceu-se que cada tipo de material deverá ser analisado mediante uma ficha específica com os aportes e parâmetros necessários para classificar cada tipo de material. O tipo está em função dos atributos ou dados que consideramos importantes ou significativos na hora de estabelecer uma classificação:

As classificações dos objetos arqueológicos, sejam tipológicas, cronológicas, tecnológicas ou espaciais, são recursos que o arqueólogo emprega para tentar entender a evolução cultural dos grupos étnicos e sua adaptação a um determinado meio. O homem pré-histórico que elaborou tais objetos não classificou nada, não filiou suas obras a esta ou aquela tradição, nem se considerou pertencente a um determinado horizonte cultural (MARTIN, 2008, p. 154-155).

Através da análise do material histórico, os artefatos de uso doméstico são capazes de revelar as relações de comércio, por vezes ultramarinas, visto a existência de material identificado como oriundo da Europa, pois segundo Lima (1989, p.90-91), os produtos importados cumpriam um longo trajeto, oriundos da Europa, Índias Ocidentais, China, e outros pontos do Oriente. Os artefatos ao chegarem do além-mar ou da região sudeste em outros pontos do Brasil deixavam atrás de si uma ampla e intrincada rede de comércio, assim como uma história a ser desvendada.

As categorias de material histórico que melhor fornecem dados acerca de datas de produção e, conseqüentemente, de períodos de ocupação dos sítios são as louças e os vidros. Além dessas duas tipologias, a cultura material do período histórico é composta também por artefatos metálicos e de olaria. A seguir serão apresentados os parâmetros utilizados na análise do material histórico.

3.2.1 - Análise de vidro

Segundo Caldarelli (2000, p.172), o vidro é composto de sílica, comumente sob forma de areia, e álcalis como potássio, óxido de cálcio e carbonato de sódio. A análise desse tipo de material busca identificar aspectos funcionais, tecnológicos e morfológicos o que proporcionará compreender o uso desses artefatos, qual o contexto histórico em que esses artefatos estavam inseridos, e, portanto, buscando compreender qual a dimensão das relações entre os indivíduos existentes no período.

A autora versa que a melhor informação para mensurar a data de produção de artefatos vítreos advém dos métodos de produção. Assim antes do século XX, a produção de vidro era através de técnicas artesanais caracterizadas pela produção em moldes. No início do último século é que a indústria do vidro surge no Brasil após a invenção da máquina de produção automática de vidro e junto com isso a produção em larga escala.

A análise do vidro busca identificar aspectos funcionais, tecnológicos e morfológicos o que proporcionará compreender o uso desses artefatos, qual o contexto histórico em que esses artefatos estavam inseridos e, portanto, buscando compreender qual a dimensão das relações entre os indivíduos existentes no período.

No que diz respeito à **técnica de produção**, os vidros podem ser de confecção artesanal

ou industrial. A produção artesanal é classificada em sopro livre e sopro em molde. Já a produção fabril pode ser de molde de peça única, molde duplo, molde de três partes e molde rotativo. O vidro pode ainda ser automático, passível de ter marcas de estrias fantasmas.

Os artefatos em vidro podem ser classificados quanto a sua **tipologia** como garrafas de bebida, vidro de remédio, artigos de tocador, produtos de uso doméstico, vidros de mesa, material construtivo e peças de uso diverso. Quanto às cores pode-se observar as seguintes **colorações**: âmbar, transparente, verde, azul, rosa e amarelo.

A produção da **morfologia** de um artefato vítreo obedece a padrões de confecção, assim as principais partes de uma peça de vidro passíveis de identificação são base, corpo, colar, pescoço, ombro e gargalo. Os fragmentos de vidro apresentam indícios de pontéis, moldes e até mesmo inscrições que indicam informações sobre seus métodos de produção e fabricantes.

De acordo com Caldarelli (2000, p. 174), pode-se ainda identificar o **fabricante** do produto mediante as inscrições gravadas em relevo nos artefatos que pode ser a marca do fabricante ou ainda a identificação do produto, chamada de marca comercial. A identificação do fabricante mediante a impressão de suas marcas fornece importantes informações sobre como se conformavam as relações de comércio no processo de aquisição do material.

3.2.2 - Análise de louça

Louça ou faiança é um tipo de louça branca de pasta opaca, compacta, fratura irregular, porosa, de coloração bege a avermelhada e esmalte poroso branco (CALDARELLI, 2000, p.172). De acordo Symanski (1998) *apud* Caldarelli (2000), os fragmentos de louça estão entre os principais vestígios arqueológicos de sítios históricos, apresentando enorme potencial interpretativo sobre economia e sociedade, bem como hábitos alimentares e comportamento de consumo.

O termo genérico “louça” designa qualquer produto manufaturado de cerâmica, composto por substâncias minerais que passaram pelo processo de uma ou mais queimas. Essa categoria de material histórico envolve produtos porosos e não porosos. Dentre os produtos porosos há a terracota, faiança, faiança fina e variedades refratárias. Por sua vez, os produtos não porosos envolvem o grés cerâmico, a louça vidrada ou cerâmica vitrificada, a quase-porcelana e a porcelana.

Produtos porosos

- Faiança: possui pasta opaca e porosa de coloração creme a avermelhada, cujo esmalte, mais grosso devido às duas técnicas de queima no tratamento da superfície, se destaca da peça como se fosse uma película (não fracionado). Como o vitrificado é aplicado antes da decoração, a superfície apresenta aspecto opaco.
- Faiança fina ou louça: detém pasta mais alva do que a faiança, esbranquiçada ou creme, de cor uniforme, que dispensava a aplicação do esmalte opaco estanífero para encobrir a terracota.

Produtos não porosos

- Grés: possui pasta clara (de branco a acinzentado) um pouco mais opaca que a da porcelana, por ter uma pasta dura e impermeável a líquidos é parcialmente vitrificada (geralmente na superfície externa) deixando à mostra as marcas do molde ou do torno em que foi produzido. Possui coloração variada, mas é comum nas colorações areia à marrom avermelhado. Geralmente é utilizada na produção de recipientes de líquidos (garrafas), materiais hidráulicos e elétricos.
- Louça vidrada: consiste em uma cerâmica de pasta de argila, de cor avermelhada a alaranjada/preta a acinzentada, cujo esmalte vitrificado geralmente nas colorações amarelado ou esverdeado a diferencia da cerâmica.
- Quase-porcelana: possui textura entre a faiança fina e a porcelana, cujo esmalte se adequa melhor à pasta não ficando tão marcado num corte transversal. A pasta e o esmalte são mais brancos do que a faiança fina, mas não possui a transparência característica da porcelana. Nesse tipo de louça é comum a presença de motivos moldados em relevo.
- Porcelana: constitui uma louça branca, vitrificada e translúcida produzida na China, que não apresenta um limite entre pasta e esmalte desde que observado num corte transversal.

Em relação ao **esmalte**, a louça possui três tipos principais: *creamware*, *pearlware* e *whiteware*. A louça creme ou *creamware*, foi a primeira louça produzida na Inglaterra e tem como característica principal a presença de coloração esverdeada nos locais de acúmulo do esmalte. Comumente não é decorada e não possui a marca do fabricante.

Por sua vez a louça perolada ou *pearlware* começou a ser produzida posteriormente à *creamware* e tem como principal característica a coloração azulada nos locais de acúmulo de esmalte. No Brasil início da produção de louças no século XX vai ser marcado pela fabricação desse tipo. Já a louça branca ou *whiteware* é produzida como resultado do aperfeiçoamento

da técnica de manufatura do esmalte e da pasta, possui coloração mais clara na pasta e esmalte totalmente branco.

As principais **técnicas decorativas** utilizadas na aplicação de decoração na superfície da louça são: pintado à mão, impresso por transferência (*transferprinting*), moldado (em relevo), carretilha (*engineturned*), inciso, aplique, aplique de migalha (*crumbapplique*), mergulhado (*dipped*), incrustado (*inlaid*), *lostwax*, ponteadado, salpicado (*spatted*), vitrificado sobre pintura, escorrido (*slipdecorated*) e estencil (*stenciled*).

Os principais **motivos decorativos**, isto é, os elementos que compõem a decoração da peça são: bandado, antropomorfo, cevada, cestaria, caveto, quadriculado, Chevron, chinoiserie, círculo, penteado arrastado, cruzado fino, curva, tracejado, bordado com losango, bolas, pintado com dedo, floral, borrão azul, geométrico, rendado, letra, linear, lóbulo, marmorizado, mosqueado, sobreposição de arcos, vasado, rotação, corda, escamado, espiralado, borrado, ondas, zoomorfo e fitomorfo.

Os fragmentos de louça podem ser classificados quanto a sua **morfologia** como borda de base, bojo, borda, base, fundo, alça, tampa, prato, pires, travessa, malga, xícara, tigela, bule ou garrafa.

3.2.3 - Análise de metal

Na análise de fragmentos metálicos são observados atributos relativos à categoria, função, forma, matéria-prima, período de fabricação e estado de conservação.

- **Função:** agrícola, construtiva, equestre, doméstico, militar, indumentária, decorativa monetária e diversos.
- **Forma:** prego, cravo, parafuso, corrente, fechadura, mecanismo de arma, cabo de faca, cápsula de bala, sabre, espora, freio de montaria, estribo, ferradura, moeda, foice, enxada, pá, talher, chave, anel, dedal, botão, tesoura, fivela, abotoadura, castiçais.
- **Matéria-prima:** ferro, flandre, cobre, níquel e zinco.

Em relação à tralha monetária, as moedas nos estudos de numismática observam-se alguns aspectos próprios a esse tipo de material: terminologia, valor, período e casa emissora. A **terminologia** das partes que compõem moedas envolve a identificação de:

- **Anverso:** é a face principal da moeda, na qual é representado o busto ou a cabeça de um monarca ou de uma personalidade. Nas moedas que só contém inscrições, é a face principal, que contém o nome da autoridade emissora, ou o nome do país.
- **Reverso:** é a face oposta ao anverso.

- **Bordo:** é a parte que delimita as duas faces da moeda, na espessura do disco, na qual é impressa a serrilha ou outro desenho.
- **Orla:** é a beirada da face da moeda, em geral ligeiramente elevada, para proteger o desenho principal do desgaste, sendo frequentemente ornamentada com desenhos.
- **Legenda:** é a inscrição com o nome do país; ou do soberano e seus títulos; ou da cidade; ou ainda frases e divisas (habitualmente abreviadas).
- **Campo:** é espaço central da moeda, no qual aparece o motivo principal ou os símbolos escolhidos pela autoridade emissora.
- **Enxergo:** é o espaço entre a figura principal e a orla, embaixo, onde em geral se coloca a data e o valor da moeda.

3.2.4 - Análise de olaria

Na análise de fragmentos de olaria são observados atributos relativos à tipologia, técnica de produção, pasta, decoração, antiplástico, queima e coloração.

As duas principais classes tipológicas de olaria são telhas e tijolos. Para fragmentos de telha, durante a análise são observados: técnica de produção (artesanal ou fabril), queima (homogênea ou heterogênea), coloração, pasta (fina – até 0,6 cm, média – 0,7 a 1 cm e grossa – < 1cm), decoração (presente – distal, mesial e proximal – ou ausente).

Para a análise de tijolos observa-se a composição do antiplástico (pasta fina – 6 a 7 cm – ou pasta grossa – 7,5 a 8,5 cm), a queima (homogênea ou heterogênea) e a coloração.

3.3.1 - Levantamento de relato oral

Charles Orser (2000) pontua que a Arqueologia Histórica possui cinco fontes são elas: os artefatos e estruturas, a arquitetura, os documentos escritos, as informações orais e as imagens pictóricas.

Convém, portanto, durante a execução do salvamento dos sítios arqueológicos, realizar o levantamento de informações orais pois a maioria dos sítios a serem resgatados são de cronologia histórica, somado ao fato de que durante a identificação destes sítios no levantamento prospectivo, a equipe que realizou o diagnóstico fez uso de fontes orais na identificação ou compreensão desses contextos.

A informação oral, uma das fontes da Arqueologia Histórica, traz dados sobre sítios

arqueológicos de um período histórico que em geral não estão disponíveis em outras fontes. Essa fonte só adquire grande importância nos casos em que o arqueólogo está estudando um sítio que foi ocupado em tempos presentes na memória das pessoas. Ela pode ser entendida como a história que as pessoas comuns levam consigo, além do mais, pode ser usada em sítios arqueológicos como suplemento e complemento da informação arqueológica e escrita, e como fonte de nova informação. O uso da documentação oral em arqueologia histórica denota que os pesquisadores devem aprender que as pessoas nem sempre recordam o passado da maneira tal qual como este aconteceu.

Nos estudos de história oral, o historiador busca entender como pessoas e grupos experimentaram o passado e isso torna possível questionar interpretações generalizantes de determinados acontecimentos ou conjunturas (ALBERTI, 2006). Assim, a visão de quem presenciou o passado será denominada pelo historiador de “primária” e a do profissional de “secundária” uma vez que ele divulgará os dados coletados a partir de uma visão externa:

Fazer história oral não é simplesmente sair com um gravador em punho, algumas perguntas na cabeça, e entrevistar aqueles que cruzam nosso caminho dispostos a falar um pouco sobre suas vidas. Essa noção simplificada pode resultar em um punhado de fitas gravadas, de pouca ou nenhuma utilidade, que permanecem guardadas sem que se saiba muito bem o que fazer com elas (ALBERTI, 2005, p.29).

Dito isto, a abordagem realizada durante o levantamento de relatos orais com vistas a buscar outras fontes que documentem ou reportem a determinados períodos de ocupações dos sítios históricos foi da seguinte maneira:

- *Escolha dos entrevistados*: foi guiada pelo objetivo da pesquisa, ou seja, reunir a maior quantidade de informações disponíveis que reportem à ocupação dos sítios históricos, e, para tanto, buscou-se indivíduos preferencialmente da terceira idade que habitem as comunidades rurais nas proximidades dos sítios. Entrevistados com maior experiência de vida e que residam na região há bastante tempo, participaram, viveram ou presenciaram situações ligadas à ocupação dos remanescentes históricos poderão fornecer relatos mais significativos do que pessoas mais jovens ou que residam a pouco tempo no local;
- *Número de entrevistados*: a maior quantidade possível de indivíduos e que estejam dispostos a colaborar no levantamento dessa fonte para complementação dos dados relativos aos sítios históricos;
- *Tipo de entrevista*: são entrevistas temáticas, isto é, entrevistas que versam prioritariamente sobre a participação do entrevistado no tema escolhido (ALBERTI, 2005, p. 37), sendo neste caso as entrevistas voltadas para a memória existente acerca das ocupações dos remanescentes arqueológicos resgatados;

Foi passível de levantamento de relato oral apenas o sítio arqueológico Colônia VII. É importante salientar o número reduzido de entrevistados com o perfil necessário para os fins específicos de narrar fatos relacionados aos remanescentes históricos.

Conversas informais da equipe com moradores das fazendas mais próximas dos sítios, assim como a “história” convencionada entre os habitantes de Itapé, seja da zona rural ou urbana, é que o Povoado de Bonfim (que teria existido no atual espaço do sítio arqueológico Colônia VII) se extinguiu quando um fazendeiro muito poderoso da região comprou a área e desapropriou os moradores do arraial. Os relatos extraoficiais apontavam também para um segundo momento de ocupação mais recente da área, possivelmente no lado esquerdo da BA-120, sentido Itaju do Colônia, por integrantes do Movimento Sem Terra (FLORAM/EMBASA, 2017).

Para tentar esclarecer essas informações, a equipe entrevistou formalmente dois moradores: Dona Valdeci Lima Rezende, de 78 anos e o senhor Jaques Luís Lima Rezende, de 58 anos (*ibid.*).

Dona Valdeci Lima reporta que nasceu em 1939 no Povoado de Bonfim e lá foi criada, onde seu pai era proprietário de um sítio no local, sendo um dos maiores comerciantes do arraial. Quando questionada sobre a estrutura do povoado, Dona Valdeci conta que existia escola, igreja, comércios e uma certa quantidade de residências. Com o tempo os residentes do povoado foram saindo do local para educar seus filhos, as coisas foram mudando, os fazendeiros próximos ao povoado foram comprando as propriedades e casas dos que iam embora e dessa forma, aos poucos o Bonfim foi deixando de existir.

O senhor Jaques Rezende relata que também nasceu no Povoado de Bonfim no ano de 1959. De acordo com esse senhor, o povoado tinha uma população de aproximadamente 600 pessoas e apontou a extinção do arraial para aproximadamente o ano de 1962 ou mesmo 1964, reiterando a história de que os fazendeiros mais próximos compravam as casas por um valor dobrado e demoliam todas. O êxodo rural foi outro fator levantado pelo Sr. Jaques como causa da migração dos habitantes de Bonfim, que muitas vezes não arrumavam emprego no arraial ou nas fazendas mais próximas.

Dessa forma, foi possível observar o quão viva ainda está a lembrança de Bonfim na memória dos moradores locais, sobretudo os mais velhos que nasceram e ainda puderam viver no povoado por algum tempo. Ao mesmo passo, foi possível obter algumas datas com os dados da cultura material, principalmente vidro e louça, que reforçaram os dados obtidos com as informações orais a respeito da ocupação do arraial do Bonfim (*Op.cit.*).

4. RESULTADOS INICIAIS: CULTURA MATERIAL IDENTIFICADA

Com o trabalho de campo realizado foram identificados fragmentos de cultura material de louça, cerâmica, metal, olaria e vidro nas sondagens realizadas e nas coletas de superfície. A partir dos procedimentos de análise e curadoria dos artefatos resgatados foi possível identificar a tipologia dos artefatos em uma análise mais refinada dos atributos de cada conjunto de peças. A Tabela 1 apresenta os dados de forma sintética sobre a cultura material identificada e coletada em cada sítio.

TABELA 1 – CULTURA MATERIAL IDENTIFICADA E COLETADA POR SÍTIO ARQUEOLÓGICO

SÍTIO ARQUEOLÓGICO	CULTURA MATERIAL IDENTIFICADA	TIPOLOGIA	QUANTIDADE DE FRAGMENTOS
Colônia III	Louça, cerâmica, metal, olaria e vidro	Louça	47
		Cerâmica	16
		Metal	1
		Olaria	8
		Vidro	207
		Total	279
Colônia IV	Vidro e metal	Vidro	47
		Metal	2
		Total	49
Colônia VI	Louça, cerâmica, olaria e vidro	Cerâmica	74
		Louça	76
		Olaria	6
		Vidro	231
		Total	387
Colônia VII	Cerâmica, louça, metal, olaria e vidro	Vidro	213
		Olaria	5
		Louça	34
		Metal	5
		Cerâmica	10
		Total	267
Colônia VIII	Vidro, olaria, louça, metal e cerâmica	Vidro	38
		Olaria	3
		Louça	3
		Metal	3
		Cerâmica	6
		Total	53

Colônia III

As louças identificadas no sítio Colônia III não apresentam indicativos de produção estrangeira nem do século XIX. Da mesma forma, os vidros resgatados são em sua maioria

de produção fabril, o que conduz a uma data de fabricação no século XX. Apenas 6,28% (13 fragmentos) do material vítreo foi produzido manualmente, indicando uma cronologia um pouco mais remota.

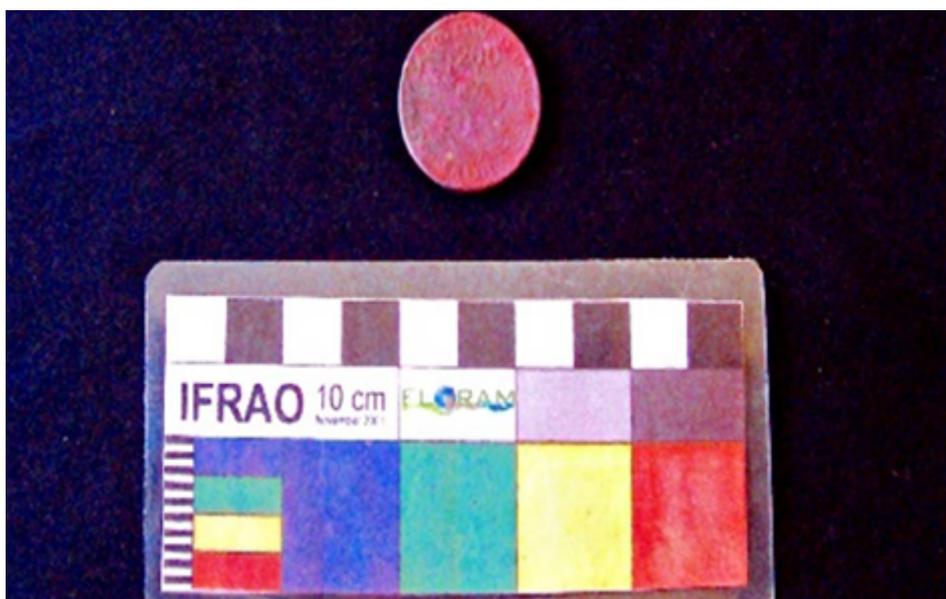
Observam-se dois momentos de ocupação no sítio Colônia III que apresenta os testemunhos materiais de um contexto doméstico: a) uma residência ocupada entre o final do século XIX e o início do século XX; b) um período mais tardio no século XX (nos anos 1900, pois há presença de testemunhos bastante contemporâneos).

Colônia IV

Os dados obtidos com a análise dos fragmentos vítreos (95,91% do material) permitiram mensurar uma data relativa de ocupação do sítio, baseada nos indicativos de época existentes no vidro através das marcas de produção: a maioria dos fragmentos vítreos foram produzidos artesanalmente através da técnica de sopro em molde. Há destaque entre as peças metálicas identificadas no sítio uma moeda que determinou uma data precisa: 1901.

Trata-se de uma moeda de 200 réis (Figura 14), datada do ano de 1901, escrito no enverso da moeda em algarismo romano (MCMI). No averso da moeda há a figura de um busto, possivelmente a Princesa Isabel, pois há a palavra “libert”. No reverso há a inscrição “200 réis”. No bordo não há nenhuma inscrição legível. Na orla da moeda há desenhos de pequenas estrelas. Na legenda há o nome “República dos Estados Unidos do Brasil”. Para a observação dos dados gravados na peça, a mesma passou por um processo de imersão em uma solução a base de vinagre por mais de 24 horas, haja vista que a moeda estava bastante oxidada.

FIGURA 14 – FRAGMENTO METÁLICO: MOEDA (PEÇA C4-160) DE 200 RÉIS DATADA DE 1901



FONTE: ARQUIVO PESSOAL DOS AUTORES

A partir desses dados preliminares, foi efetuada uma pesquisa envolvendo a numismática nacional, onde foi possível reconstituir, em termos históricos, como seria a referida moeda quando de sua utilização prática no começo do século XX (Figura 15).

FIGURA 15 – IMAGENS DE COMO A MOEDA ENCONTRADA SERIA EM PERFEITO ESTADO DE CONSERVAÇÃO



FONTE: FÓRUM NUMISMÁTICA, 2017

Portanto, observa-se que o sítio Colônia IV apresenta os testemunhos materiais de um contexto doméstico, de uma residência ocupada entre o final do século XIX e o início do século XX.

Colônia VI

A cultura material identificada no sítio sugere dois momentos temporais de ocupação do local: a) os fragmentos vítreos sugerem uma ocupação histórica entre o final do século XIX e início do século XX; b) um segundo momento da segunda década do século XX.

A maioria dos vidros identificados no sítio são de produção fabril, além disso existe uma pequena quantidade de vidro produzido manualmente o que corrobora a hipótese da primeira ocupação (entre o final do século XIX e início do século XX).

Por outro lado, a existência de vidros produzidos automaticamente por fabricantes como Coca-Cola e Maguary reforçam a hipótese da segunda ocupação do sítio (segunda década do século XX), possivelmente até a década de 1970. Dessa forma, observa-se que o sítio Colônia

VI apresenta os testemunhos materiais de um contexto doméstico com duas ocupações cronológicas distintas.

Colônia VII

Os dados obtidos com a análise dos fragmentos vítreos (79,78% do material) permitiram mensurar uma data relativa de ocupação do sítio, baseada nos indicativos de época existentes no vidro através das marcas de produção. Da mesma forma, um fragmento de louça permitiu delinear uma data precisa de produção pelo fabricante.

Dada a existência de vidros produzidos fabrilmente (29,58%) e artesanalmente no sítio Colônia VII (23,48%) é possível estabelecer uma cronologia de ocupação do antigo arraial do Bonfim.

Reforçando a precisão de cronologias relativas oferecidas pelos testemunhos materiais do registro arqueológico, um fragmento de louça (peça C7-127-4) (Figura 16) possibilitou a identificação do fabricante: a peça é de origem francesa produzida a partir do ano de 1919 pela Sarreguemines et Digoïn. De acordo com Caldarelli (2000), a Faiança de Sarreguemines iniciou a produção de faiança fina no começo do século XIX, tendo exportado grande quantidade de peças para o Brasil. Ainda de acordo com a autora, a marca Sarreguemines et Digoïn começa a ser utilizada a partir de 1871, o que corrobora a data média de produção da louça.

FIGURA 16 – FRAGMENTO DE LOUÇA FRANCESA DATADO DE 1919 IDENTIFICADO NO SÍTIO COLÔNIA VII



FONTE: ARQUIVO PESSOAL DOS AUTORES

A presença de um artefato de mesa importado no interior da Bahia releva o poder aquisitivo de alguns habitantes do Povoado de Bonfim, bem como demonstra as sólidas relações comerciais existentes na região, possivelmente sólidas e viáveis devido à proximidade do município de Itapé com Ilhéus que outrora havia sido sede da Capitania de São Jorge dos Ilhéus e um importante entreposto comercial da região.

Dessa forma, os dados obtidos através da cultura material convergem com a informação oral, conforme pode ser observado no item “Levantamento de relato oral”, estabelecendo o período aproximado de ocupação do antigo povoado entre o final do século XIX até a primeira metade do século XX.

Colônia VIII

Os dados obtidos com a análise dos fragmentos vítreos (71,69% do material) permitiram mensurar uma data relativa de ocupação do sítio, baseada nos indicativos de época existentes no vidro através das marcas de produção.

No sítio Colônia VIII a maioria dos fragmentos vítreos foram produzidos artesanalmente através das técnicas de sopro em molde e molde duplo. A bibliografia versa que a produção do vidro industrial, e conseqüentemente sua comercialização, vai ter início no começo do século XX, logo esses dados convergem para a comercialização e utilização dos vidros artesanais até o ano de 1903 quando houve a invenção da máquina de produção de vidro automático.

Dessa forma, observa-se que o sítio Colônia VIII apresenta os testemunhos materiais de um contexto doméstico, de uma residência ocupada entre o final do século XIX e o início do século XX.

5. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

A pesquisa realizada tornou compreensível parte do universo cultural pretérito local, na medida em que foram percebidas certas nuances dos aspectos arqueológicos existentes nos sítios estudados. O trecho do Rio Colônia estudado revelou a presença de ocupações humanas desde tempos imemoriais (objeto de outra publicação) até os contextos domésticos mais recentes do século XX.

Em termos de ocupações históricas, pode-se observar testemunhos de ocupações domésticas com a presença de remanescentes de habitações e de itens de tralha doméstica e agrícola. Ao mesmo tempo em que se delineiam residências na zona rural entre o final do século XIX e o início do século XX, através da cultura material identificada, é possível observar as relações de comércio existentes na época, intrínsecas à obtenção dos artefatos.

Os fragmentos de artefatos históricos resgatados permitiram delinear um cenário de uma consolidada rede de comércio no início do século XX na zona rural dos atuais municípios de Itapé e Itaju do Colônia, à época territórios pertencentes ao município de Itabuna. Os resultados iniciais da pesquisa, permitem propor a existência de relações comerciais entre o sudeste do país e o exterior (França) e o centro sul baiano com a comercialização de artefatos vítreos e de louça de produção industrial.

Com o trabalho executado foi possível estabelecer um referencial de dados sobre a arqueologia da região, até então inexistente, de forma a integrar um panorama regional, juntamente com as pesquisas que são empreendidas na região de Ilhéus, auxiliando na composição de uma narrativa para uma arqueologia mais consolidada no país.

Pode-se atingir os objetivos propostos inicialmente para a pesquisa na medida em que foi realizado um salvamento sistemático que obedeceu à métodos e técnicas arqueológicas cientificamente embasadas, bem como possibilitou a conservação dos bens culturais resgatados, mesmo tempo que pode realizar registros detalhados dos sítios.

Em linhas gerais, o trabalho desenvolvido permitiu delinear um quadro amplo sobre as ocupações históricas locais, contribuindo assim para a formação de um arcabouço sobre a arqueologia regional, de modo que quando ampliado os estudos, permitirá compor uma referência para a Arqueologia desenvolvida no sul do Estado da Bahia.

6. REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

_____. Histórias dentro da História. *In* **Fontes históricas**. PINSKY, C. B. (Org.). São Paulo: Contexto, 2006.

CALDARELLI, S. B. **Arqueologia do vale do Paraíba Paulista**. SP-170 Rodovia Carvalho Pinto. IPARQ: São Paulo, 2000.

EIROA, J. J.; et al. **Nociones de tecnologia y tipología em Prehistoria**. Barcelona, España: Ariel, 1999.

FLORAM/EMBASA. **Relatório de Salvamento Arqueológico: Obra da Barragem do Rio Colônia, município de Itapé – BA**. Eunápolis-BA, 2017

LIMA, T.A. **Arqueologia Histórica: algumas considerações teóricas**. CLIO. Recife: 1989, v.10.

MARTIN, G. **Pré-história do Nordeste do Brasil**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008.

ORSER JR., C. E. **Introducción a la arqueologia histórica**. Buenos Aires, Argentina: Ediciones Del Tridente, 2000.